



**Por Pedro Mac Dowell**

Fundador e CEO da QI Tech

# O amadurecimento dos FIDCs: a consolidação do mercado de capitais na economia real

O crédito estruturado deixou de ser um instrumento de nicho para se tornar uma engrenagem central da economia real, onde a robustez operacional e a segurança dos investidores caminham juntas

**Por Pedro Mac Dowell**

18/05/2026 06h00 · Atualizado há 5 horas



Distribuidoras do agronegócio estruturam FIDCs para financiar safra diretamente na cadeia produtiva — Foto: iStock/Mapa

O mercado financeiro brasileiro atravessa um momento de transformação estrutural em que a distância entre o investidor e a atividade produtiva nunca foi tão curta.

Durante décadas, o financiamento da economia real esteve concentrado nas instituições financeiras tradicionais e quem ficava de fora do relacionamento bancário ficava de fora do crédito. O movimento atual não é apenas de expansão, é de ruptura silenciosa nessa lógica.

Os Fundos de Investimento em Direitos Creditórios, os FIDCs, se tornaram os principais viabilizadores dessa mudança. Em 2025, segundo a ANBIMA, essas operações representaram 42% das emissões de renda fixa em número de negócios e captaram R\$ 90,8 bilhões, um dos maiores volumes da série histórica.

Mais revelador do que o tamanho é o comportamento do risco nesse ciclo. Um estudo da **Austin Rating** que analisou 103 fundos com diferentes perfis de ativos mostrou que a expansão ocorreu sem deterioração relevante: os atrasos acima de 15 dias oscilaram entre 7,5% e 9% do patrimônio líquido, enquanto a inadimplência acima de 90 dias, o indicador que de fato sinaliza perda permanente, permaneceu entre 3,5% e 5% ao longo de todo o ano.

Crescer em ritmo recorde com inadimplência estável não acontece por acidente. É o resultado direto da infraestrutura de dados operando em tempo real na seleção e monitoramento de cada recebível, algo estruturalmente impossível no modelo bancário tradicional, que ainda processa crédito em ciclos lentos e análises estáticas. Diferente do crédito bancário convencional, os FIDCs modernos identificam e mitigam problemas antes que se tornem perdas definitivas, mantendo a qualidade dos ativos resilientes mesmo com o aumento da base.

Mas o que realmente sinaliza a maturidade do mercado não é o volume captado, e sim quem está usando os FIDCs e para quê.

A Vivo é o exemplo mais concreto disso. Em março de 2026, a empresa lançou o Vivo Pay Crediário, solução de parcelamento em até 21 vezes para eletroeletrônicos vendidos em suas lojas físicas. A operação foi integralmente estruturada sobre FIDCs, são eles que garantem o *funding*, viabilizam a escala e permitem que a Vivo opere crédito integrado à jornada de compra sem precisar se tornar uma instituição financeira.

A empresa já gerava mais de R\$ 426 milhões em receita de serviços financeiros e havia concedido mais de R\$ 1,2 bilhão em crédito desde 2020. O FIDC foi o que transformou essa capacidade em produto financeiro escalável.

O padrão se repete em outros setores. Redes de saúde antecipam recebíveis de planos para financiar expansão sem depender de linha bancária. Distribuidoras do agronegócio estruturam FIDCs para financiar safra diretamente na cadeia produtiva, com custo de capital que o crédito rural tradicional não consegue competir.

Varejistas com milhões de clientes ativos perceberam que sua carteira de recebíveis é um ativo mais valioso do que qualquer garantia que um banco jamais aceitou. O FIDC atua como a ponte que conecta essa capacidade ao mercado de capitais, transformando

duplicatas, financiamentos e parcelas a prazo em ativos negociáveis que injetam fôlego direto no setor produtivo.

A transparência trazida pelas novas regulamentações foi o catalisador invisível desse movimento. Fundos com segregação patrimonial clara, gestão ativa de carteira e *reporting* detalhado passaram a atrair investidores institucionais que antes ficavam de fora do crédito estruturado, aprofundando o mercado e reduzindo o custo de *funding* para os cedentes. O crédito estruturado deixou de ser um instrumento de nicho para se tornar uma engrenagem central da economia real, onde a robustez operacional e a segurança dos investidores caminham juntas.

O mercado de capitais brasileiro não é mais um observador distante da atividade produtiva. Ele virou infraestrutura. E infraestrutura, como toda tecnologia que amadurece, tende a se democratizar e chegar onde nunca antes chegamos.

***\*Pedro Mac Dowell é CEO e fundador da QI Tech***